

Um realizador para todas as estações

À boleia da estrela de 'Fay Grim', **Rui Monteiro** fala com Hal Hartley, o antigo menino-bonito do cinema independente americano

Houve um momento, entre o final da década de 1980 e meados dos anos 90, em que o futuro do cinema norte-americano parecia destinado a um punhado de realizadores. A previsão ficou em grande parte por cumprir. Aliás, desse grupo de pepitas independentes, só Steven Soderbergh, Richard Linklater e Spike Lee estão confortavelmente posicionados junto da corrente dominante. Whit Stillman e Amos Poe, curta e concisamente, desapareceram em combate ou andam como zombis entre o compromisso e o compromisso. John Sayles e Jim Jarmusch navegam ao sabor dos financiamentos, quase sempre sem bússola nem proveito. Sobra o discreto Hal Hartley, o seu cinema céptico e deparado, por vezes à beira da paranóia, mas sempre íntegro e lúcido, hábil em despertar curiosidade mas inápto em acordar paixões.

Entre curtas e longas-metragens passam as duas dezenas os títulos do também argumentista, produtor, compositor e editor. E obra que já permite uma perspectiva, onde se percebe uma ideia de continuidade pela experiência e uma intenção de comentar os acontecimentos deste tempo. Ideia presente e intenção reforçada em *Fay Grim* (ser crítica na página 50), não apenas por ser uma seqüela de *Henry Fool* (1997), mas também porque Hartley lhe reserva prosseguimento. E ele quem diz: "A continuação vai decorrer te alguma coisa a ver com Ned. Provavelmente um tipo qualquer de confrontação com o pai [Henry Fool]. Mas de qualquer maneira não sei quando o vou fazer." Embora saiba que o seu próximo filme "pode chamar-se *The Business of Living*, uma coisa sobre a amizade e as dependências que as pessoas criam umas com as outras."

Por falar em amizade e dependência, regresso a *Fay Grim*,



Indie Hal Hartley já foi mais popular, mas em Portugal ainda tem muitos amigos

um filme "talvez mais engajado do que político", porque "o mundo está hoje, depois do 11 de Setembro, mais 'carregado'", embora "os meus filmes lidem sempre com personagens socialmente empenhadas, mas difíceis de

Hal Hartley mudou-se para Berlim. "É mais barato viver aqui do que em Nova Iorque e posso trabalhar mais"

posicionar politicamente". O que leva a outra questão: foi o estado da América que levou o realizador a mudar-se para Berlim? E isso mudou a sua perspectiva? "Vivo em Berlim por razões financeiras e criativas — e estas duas coisas estão intimamente ligadas. Na realidade é mais barato viver aqui do que em

Nova Iorque e isso permite-me trabalhar mais. Por outro lado, também é bom fazer mudanças radicais. Aqui relaciono-me com um mundo diferente, mas continuo a ser um cineasta americano a viver na Europa. As vezes, estar aqui, torna o facto de ser americano muito mais óbvio e intenso."

Em Berlim ou em Nova Iorque olhar permanece fiel às suas características, embora evolua, como diz Hartley, pois entre *A Verdade Inacreditável* e *Fay Grim* "há mais personagens femininas, os homens são definitivamente de meia idade e o mundo em que esta gente deambula é cada vez menos a vizinhança de casa e cada vez mais o planeta."

Fay Grim estreia-se esta semana em Portugal pela mão da Midas Filmes, que lança em simultâneo os primeiros três volumes da sua coleção integral em DVD

Três vezes Hal Hartley

Já não há razão de queixa. A edição simultânea em DVD de três filmes de Hal Hartley — primeira entrega de uma remessa que se completará em Dezembro — permite uma observação razoável de um cineasta peculiar e um olhar mais esclarecido sobre uma obra que criou as suas próprias regras narrativas, de certo modo contra a cinefilia, a partir da literatura e da música. 'A Verdade Inacreditável' (1989) é a primeira longa-metragem de Hartley, onde esboça a personagem-tipo e o ambiente determinante dos seus filmes. Entre os extras desta edição encontra-se a primeira parte de uma entrevista, realizada em Portugal, por João Lisboa e Jorge Mourinha, onde o realizador discorre sobre o seu trabalho e onde, a espaços, ilumina áreas cinzentas da sua obra e algumas opções menos óbvias. O DVD mais suculento desta série é 'Uma Questão de Confiança' (1990). Por este ser um dos filmes mais conseguidos do realizador, mas também por incluir duas curtas-metragens, 'Teoria da Concretização' e 'Ambição', ambas de 1991, a bem dizer um par de fábulas realizadas como um exercício coreográfico habitado por personagens à deriva, que revela bastante do que está para vir até 'Fay Grim'. A segunda parte da entrevista de Lisboa e Mourinha, mais um interessante 'making of', encontram-se no DVD 'A Rapariga de Monday' (2005), um filme de ficção-científica, do género lírico-conspirativo-paranóico, inédito em Portugal, onde estão as preocupações do costume, agora temperadas pelo estado do mundo no pós-11 de Setembro.